

Revista de
Ciências
Humanas
UFSC

Experiências amorosas, gêneros e sexualidades na juventude contemporânea

Loving experiences, gender and sexualities in contemporary youth

Experiencias amorosas, géneros y sexualidades en la juventud contemporánea

Leonardo Lemos de Souza^a ; Danielly Christina de Souza Mezzari^b 

^a Psicólogo e Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP, Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e Livre-docente em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. Realizou estágio pós-doutoral no Departamento de Psicologia Básica na Facultad de Psicología da Universitat de Barcelona e no Departamento de Antropologia Social e Psicologia Social da Facultad de Ciencias Políticas y Sociología da Universidad Complutense de Madrid. Professor Adjunto da Universidade Estadual Paulista - UNESP atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do PsiCUqueer - Psicologias, Coletivos e Culturas Queer. UNESP, Assis, SP, Brasil – E-mail: leo.lemos.souza@gmail.com

^b Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO - PR. Mestra em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Doutoranda em Psicologia pela mesma Universidade e integrante do "PsiCUqueer: Coletivo Psicologias e Culturas Queer". UNESP, Assis, SP, Brasil – E-mail: danielly_mezzari@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho busca investigar como as experiências amorosas são significadas pelas juventudes contemporâneas. Procuraremos discutir o conceito de amor romântico e seus desdobramentos nos relacionamentos amorosos, bem como a diversidade dos diferentes relacionamentos levando em conta principalmente os atravessamentos dos marcadores de gênero e sexualidade. Apresentaremos os resultados de uma pesquisa em que participaram 174 jovens entre 17 e 29 anos e na qual analisamos os significados produzidos em narrativas sobre as temáticas do amor e dos relacionamentos amorosos. Procuraremos demonstrar, também, as contribuições dos Estudos Feministas para as discussões sobre o amor e as experiências amorosas.

Palavras-chave: Amor. Gêneros. Sexualidades. Juventudes.

Abstract: The present work aims to investigate how the amorous experiences are signified by the contemporary youths. We will discuss the concept of romantic love and its unfolding in love relationships, as well as the diversity produced in the different relationships taking into account especially the crossings of gender and sexuality markers. We will present the results of a survey in which participated 174 young people between 17 and 29 years old. We analyze the meanings in narratives about the themes of love and relationships. We will also demonstrate the contributions of Feminist Studies to the discussions about love and love experiences.

Keywords: Love. Gender. Sexuality. Youth.

Resumen: El presente trabajo busca investigar cómo las experiencias amorosas son significadas por las juventudes contemporâneas. Buscaremos discutir el concepto de amor romântico y sus desdoblamiento en las relaciones amorosas,



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

así como la diversidad de las diferentes relaciones teniendo en cuenta principalmente los atravesamientos de los marcadores de género y sexualidad. Presentaremos los resultados de una encuesta en la que participaron 174 jóvenes entre 17 y 29 años y en que analizamos los significados producidos en narrativas sobre las temáticas del amor y de las relaciones amorosas. Buscaremos demostrar, también, las contribuciones de los Estudios Feministas para las discusiones sobre el amor y las experiencias amorosas.

Palabras clave: El amor. Géneros. Sexualidades. Jóvenes.

Como citar o artigo:

SOUZA, L. L.; MEZZARI, D. C. S. Experiências amorosas, gêneros e sexualidades na juventude contemporânea. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis. v.52, 2018. DOI: 10.5007/2178-4582.2018.56950

INTRODUÇÃO

Tratar do tema da juventude contemporânea é trazer o tempo como foco de problematização. O filósofo Agamben (2014) ao conceituar o termo: “o contemporâneo”, inicia logo com a questão: “O que é ser contemporâneo?”. Para Agamben (2014, p. 59) a contemporaneidade “é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distanciamentos; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo”.

Desse modo, os que estão conectados à época e perfeitamente conformados a ela, de acordo com Agamben, não são contemporâneos. A contemporaneidade é justamente o entre tempos. Quem é contemporâneo é “aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”¹ (AGAMBEN, 2014, p. 62). Perceber o escuro significa interpela-lo constantemente, ter coragem para manter fixo o olhar nele e também perceber uma luz que ao mesmo tempo em que se dirige a nós, se distancia de nós.

Essa definição do contemporâneo de Agamben (2014) nos é interessante pelo fato de trazer a inatualidade e a ruptura como algo que marca o contemporâneo. O tempo é um elemento chave nessa compreensão e a juventude como tempo da vida tem sido significada de diferentes maneiras ao longo da história, transitando entre momentos de inadequação e de revolução/novidade, como um grupo que se configura em uma unidade social ou grupo diversificado culturalmente.

O que de contemporâneo tem as experiências amorosas na juventude? Tais temas são recorrentes quando se trata da juventude contemporânea, repercutindo em questões relacionadas a políticas públicas em relação ao comportamento reprodutivo e sexual (HEILBORN, 2012) e às violências decorrentes das diversidades de gênero e sexuais (ANDREO et al, 2016; ASSIS, 2014;

¹ Agamben (2014) esclarece que esse conceito de escuro não se refere a privação de algo (luz). A Neurofisiologia esclarece que a falta de luz não é uma não-visão, mas sim um resultado de atividade de células da retina denominadas off-cells, excluindo a ideia de passividade ou inatividade.

GALINDO et al., 2017). Os jovens, ao mesmo tempo em que estão sujeitos aos modelos tradicionais de relacionamento erótico-amoroso, também promovem rupturas nos modelos padrões de sexualidade e de relações amorosas. Algumas características podem ser destacadas como próprias da adolescência e da juventude no trajeto de transformações: o questionamento dos modelos de relações familiares, do comportamento sexual e social deles próprios e dos outros.

A vida erótico-amorosa dos jovens, embora iniciante, é intensa e tem desdobramentos nos campos da saúde (políticas públicas) e da educação (formal e não formal). O tema da vida afetiva e sexual dos jovens e adolescentes é sempre recorrente no trabalho nesses campos e é fruto da demanda das constantes transformações pelas quais essa população passa, tanto do ponto de vista biopsicossocial, quanto do histórico.

As transformações nas relações nos espaços públicos e privados, marcados pela velocidade, instabilidade e incerteza sobre os conhecimentos e os costumes, produzem subjetividades que subvertem os padrões tradicionais sobre ser jovem e ser adolescente. Como tema de preocupação marcante da juventude e da adolescência, o amor e as relações erótico-amorosas não têm significados fixos, mas se transformam ao longo da história e em função dos domínios simbólicos e culturais dos grupos humanos (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017). A revolução industrial implica em novas maneiras de relacionar-se conjugalmente e em novas configurações familiares. No setor das relações erótico-amorosas contemporâneas, jovens e adolescentes expressam seus pensamentos, sentimentos e desejos em diferentes formas que tanto se aproximam quanto se distanciam da cultura heteronormativa e androcêntrica.

A crescente violência e discriminação diante das dissidências de gênero e sexuais trazem esse tema como mais um elemento de análise. Há um número cada vez maior de registro de violência entre jovens, muito deles relacionados a questões amoroso-passionais e que envolvem as relações heterossexuais (ARANTES; SASTRE; GONZÁLES, 2010, COSTA; SANTOS, 2012). No caso de gays e lésbicas, é preciso produzir mais informações sobre os modos de ser, de sentir e pensar, dessa população, ainda pouco presente em estudos que descrevem suas representações e opiniões sobre suas experiências erótico-amorosas (MEZZARI; SOUZA, 2017, MORELLI, 2017).

Diante das considerações anteriores sobre o amor como sentimento que tem significados distintos na história das sociedades e grupos humanos e em diferentes áreas de conhecimento, a pergunta que fazemos neste trabalho é como ele hoje tem sido significado por jovens brasileiros.

Desse modo, realizamos uma investigação com homens e mulheres jovens, de diferentes orientações sexuais, sobre como significam o amor em suas experiências de relacionamento afetivo-sexual. O que encontramos ao longo desta investigação nos apresenta diferentes formas de expressar e viver este sentimento reeditando o amor romântico.

EXPRESSÕES DE GÊNEROS E SEXUAIS E A EXPERIÊNCIA AMOROSA NA JUVENTUDE

O caráter histórico do conceito de juventude afirma sua pluralidade e rompe com atributos essencialistas desse tempo da vida (SOUZA; PAIVA, 2012). Os aspectos históricos e culturais ainda se entrelaçam com outras categorias, como as de gênero e sexualidade, no interior dos grupos e culturas juvenis, desde uma perspectiva da interseccionalidade, a qual se refere a dar visibilidade a estruturas e relações de poder que atravessam os diferentes marcadores identitários tais como raça, etnia, sexo, gênero, classe, etário etc. (NOGUEIRA, 2017). Assim, existem diferentes maneiras de representar e significar os sentimentos, as relações amorosas e sexuais, muitas delas baseadas em modelos androcêntricos e cisheterossexistas, em que a identidade cisgênero, masculina e heterossexual é demarcada como um lugar do exercício do poder sobre a mulher produzindo violência física e simbólica (LEAL, 2012, MEZZARI; SOUZA, 2017). Todavia, ainda que predominantes, tais modelos podem apresentar-se em diversos graus de aproximação e ruptura com modelos menos excludentes. Mas é certo que como categorias histórico-sociais, gênero, etnia e classe social, por exemplo, definem trajetórias de vidas diferenciadas dos jovens (ALMEIDA; EUGENIO, 2006).

O rompimento com o modelo androcêntrico tem origem no feminismo, como movimento social no combate à exclusão e violência contra a mulher em diversos âmbitos sociais (NOGUEIRA, 2017). O argumento crítico feminista reside no fato de que a cultura patriarcal e androcêntrica impõem uma organização social, política e econômica em que o homem é o centro do comando e detém o poder nas decisões em vários setores da vida: na família, no trabalho, na escola, na política e na ciência.

Biroli e Miguel (2014) destacam a importância em dar visibilidade à mulher no mundo social, político e científico. Sobretudo em seu caráter político de enfrentamento que, ao assumir uma posição, rompe com pretensas neutralidades e objetividades, o que por si só já é uma grande contribuição às ciências. Para Braidotti (2012) os feminismos têm como pressuposto o fato de que o “sujeito universal do conhecimento” é falsamente generalizado e, como consequência, impõe discursos que se referem fundamentalmente a um sujeito que é homem, branco, heterossexual e de classe média.

Quando se trata do feminismo se debruçando a realizar uma crítica ao amor é importante nos atentarmos para sua relevância política (ESTEBAN, 2011). Infância, família, política, religião, enfim, a organização geral da vida cotidiana tem o amor como inspiração e orientação de relações e significados. O empenho em tomar o amor (romântico, parental, materno etc.) como atravessamento que produz efeitos nas condições de exclusão, opressão e na produção de um imaginário sobre o cotidiano normativo se intensificou para além dos movimentos feministas na ciência e na vida

cotidiana, nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX e nas últimas décadas com os movimentos sociais LGBTs. Estes têm empreendido rupturas aos modelos tradicionais de relações conjugais, parentais e afetivo-sexuais, desencadeando revisões sobre as formas de sentir e de se relacionar.

Os jovens são reivindicadores dessas novas formas de viver, de se expressar, de amar (ALMEIDA, EUGENIO, 2006). O número de meninos e meninas que lidam com suas sexualidades e diferenças de gênero não atendendo a padrões hegemônicos tem aumentado no cotidiano e em diferentes meios de comunicação, mesmo ainda sendo tabu para muitos e gerando debates políticos e sociais governamentais no Brasil.

Diferentes grupos sociais têm produzido formas diversas de estabelecer como devem ser as relações erótico-amorosas (MORENO; SASTRE, 2010). Em diferentes culturas variam a fidelidade amorosa-sexual, os arranjos familiares (liderados por homens ou mulheres, ou o grupo) as formas de conjugalidade (casados, divorciados, descasados etc.) e de relação erótico-amorosas (homem/ mulher, homem/homem, mulher/mulher). Para essas autoras, os modelos existentes de relações erótico-amorosas são muito mais variados do que se imagina.

Geralmente em nossa cultura ocidental e cristã, entende-se como ideal de amor erótico o amor entre duas pessoas de sexos diferentes. No entanto, a poligamia é muito frequente em diversos grupos e sociedades humanas. Além disso, a finalidade do casamento entre duas pessoas de sexos diferentes, a procriação, já não se sustenta na sociedade contemporânea cujas demandas transformam o sexo e a sexualidade com outros fins que não os de reprodução, mas também na busca de prazer e bem-estar.

Com os feminismos surge a necessidade de ampliar as análises realizadas. Com eles, ainda, o termo gênero toma lugar crítico em que se afasta de posições essencialistas e a atenção volta-se para o processo e a construção da pluralidade das expressões sobre o masculino e o feminino. Judith Butler com o conceito de performatividade de gênero introduz a ideia de que o gênero se performa diante de um conjunto complexo de elementos que envolvem a linguagem, o corpo, o sexo, a cultura, o desejo (BUTLER, 1997). Assim, as contribuições dos feminismos aos estudos de gênero residem principalmente no confronto com as relações sociais e de poder que atravessam as culturas masculinista e cisheterossexista que promovem modos de existir compulsórios e normativos.

AMOR: EMOÇÃO, SENTIMENTO, PRÁTICA SOCIAL

O amor tem sido problematizado por várias áreas do conhecimento. Longe de esgotar todas elas aqui neste texto, pretendemos destacar aquelas ideias que são mais pertinentes aos propósitos deste estudo. Esteban (2011) nos alerta que é perigoso conceituar o amor e torná-lo um conceito etnocentrado e generalizado, ou seja, universalizar o amor desde uma única perspectiva. Atentos a

isso, passaremos a uma breve discussão histórica sobre o papel do amor na organização das relações conjugais nas sociedades modernas e sobre algumas contribuições da Filosofia, Antropologia e da Psicologia para pensarmos o amor na atualidade.

O amor, para Esteban (2011) pode ser definido como "una forma de interacción y vinculación que comporta la idealización y erotización del otro, y el deseo de intimidad y de durabilidad de la relación" (p. 42). Esta interação é atravessada pelos sentimentos, percepções, sensações, erotização, passado, presente, futuro, e ações individuais e coletivas que são também produzidas pelo contexto histórico e social. Para complementar com uma dimensão específica dessa concepção, tal como para outros autores como Bozon (2005 apud OLTRAMARI; GROSSI, 2009), o amor é uma prática social que deve ser compreendida nas trocas e concessões que as pessoas fazem entre si. Com isso o autor sugere pensarmos o amor como prática social vivenciada como sentimento.

De modo semelhante, Moreno e Sastre (2010) consideram que a dificuldade em definir o amor resulta não só do fato de que ele não diz respeito a uma só coisa, mas sim a um conglomerado de emoções e sentimentos que varia de acordo com o tempo, o espaço e a história individual de cada um, mas também porque ele varia de acordo com outras circunstâncias como o objeto a que se direciona (que pode ser a alguém, a uma ideia, a um animal, etc.) e as situações particulares em que a pessoa se encontra (dimensão prática). Para além disso, os sentimentos amorosos sempre se apresentam ligados a outros sentimentos como a ternura, a entrega, o prazer, mas também a rivalidade, a inveja, etc. Dessa forma, as pesquisadoras consideram que não se deve pensar o amor como um sentimento, mas sim como um complexo de sentimentos, tanto pela variedade que contempla, quanto pelo fato de que nunca aparece isolado de outros sentimentos. Tanto para Esteban (2011) quanto para Moreno e Sastre. (2010) o amor romântico é a grande faceta, um tipo de ideologia cultural, que tem sido produzido e construído nas mais diversas obras artísticas e culturais, desdobrando-se em narrativas sobre os vínculos na vida cotidiana a dois.

O amor romântico se organiza e se estrutura de acordo com o pensamento dominante da época, com os estados cognitivos-emocionais do enamoramento com a intenção de convertê-lo em um estado permanente e, inclusive, em uma forma de vida e de relação entre amantes (MORENO; SASTRE, 2010). Para as autoras as principais características do amor romântico se baseiam nas crenças de que: se apaixonar não depende da vontade própria da pessoa; o amor pode tudo e justifica tudo; é suficiente e incondicional; dura para sempre; é exclusivo e excludente. Esteban (2011) concentra sua especificação do amor romântico como um substituto da religião, no contexto da modernidade, que vincula a paixão à morte na busca da transcendência e da felicidade. Para ela, a idealização, a durabilidade, a erotização e a intimidade são características do amor romântico que consolida formas de relações desiguais e hierárquicas entre os sexos/gêneros.

Giddens (1993) afirma que o amor romântico é idealizado como unidade mística entre um homem e uma mulher. Os valores morais da cristandade são os influentes nesse tipo de amor. Amar a Deus é devotar-se a ele, conhecê-lo e conhecer-se. O amor romântico e o amor a Deus se assemelham nas ideias de incondicionalidade, perpetuação e doação. Apesar do amor à primeira vista ser condição do amor romântico, ele deve deixar paulatinamente o ardor sexual para deixar o sublime imperar. Esse tipo de amor estava relacionado ao cuidado e às responsabilidades em relação à família. A mulher era subordinada às obrigações do lar e isolada do mundo exterior. Os homens já vivenciavam o amor paixão e o romântico de maneira tensa: entre o conforto do ambiente doméstico e a sexualidade da amante ou da prostituta. Para Giddens (1993), novos domínios de intimidade foram sendo construídos. A mulher passa a utilizar o espaço privado valorizando mais as amizades entre as mulheres e buscando nelas a mitigação dos desapontamentos do casamento enquanto o homem relegou os sentimentos da camaradagem masculina aos esportes e às práticas de guerra. As mulheres viraram especialistas do coração no âmbito privado e os homens distanciaram-se das suas angústias amorosas.

Para Moreno e Sastre (2010) o amor romântico nem sempre está separado do amor paixão ou o do estado de enamoramento. As autoras asseveram que as ideias, crenças e normas relativas às relações amorosas estão ligadas a organização social de cada cultura e de cada momento histórico. Alguns desses significados se aproximam do amor romântico descrito por Giddens (1993), outros rompem com ele buscando novas formas de vivenciar o amor.

O amor pode ser conceituado, também, enquanto uma ideologia cultural que se pratica por meio do que Garcia e Montenegro (2014) conceituam como “experiências semiótico encarnadas”, as quais remetem às relações de aspectos simbólicos, materiais e afetivos que atravessam diretamente os corpos. Nesse sentido, podemos pensar o amor enquanto prática. hooks² (2012) afirma que pensar o amor enquanto prática é importante para que possamos desconstruir a ideia de que ele é algo dado e inevitável e perceber que amar está relacionado com a produção de um investimento, de uma vontade de amar e, portanto, de uma prática amorosa. Para a autora, pensar o amor mais como uma ação na qual investimos do que como um sentimento que nos acomete é uma estratégia para que possamos assumir uma maior responsabilidade pelas ações que cometemos em nome dele.

² bell hooks assina suas obras em minúsculo. A autora afirma que seus escritos devem ter mais destaque que seu nome e faz questão que também seja citada da mesma maneira.

SIGNIFICADOS SOBRE O AMOR: UMA PESQUISA COM JOVENS

A Psicologia tem diferentes abordagens para tratar do tema do amor e dos sentimentos como um produto/produtor de um universo simbólico, e/ou de comportamentos e ações. A complexidade do tema do amor como sentimento (MORENO; SASTRE, 2010) e como ação (HOOKS, 2012), exige uma perspectiva de investigação da complexidade dos sentimentos e da cultura no funcionamento psicológico. A Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento tem como fundamento a investigação do modo como produzimos significados sobre as situações cotidianas. O grande desafio é a construção de novos modelos teórico-metodológicos que permitam a organização dessas diferentes dimensões no funcionamento psicológico (MORENO et al., 2010).

Um modelo organizador é elaborado na interação do sujeito com o meio, que atua como regulador da atividade cognitiva. São resultados das interpretações que o sujeito realiza dos fatos ou dos objetos. Esses dados são produtos de uma atividade interpretativa feita pelo próprio sujeito sobre a realidade, que tem sua origem: a) nas abstrações dos observáveis; b) nas inferências sobre a situação com as quais se depara, ou ainda; c) de invenção de outros dados, em função da necessidade de compreensão da situação observada (MORENO et al., 2010). O sujeito - ativo nesse processo - abstrai os dados de uma situação concreta e atribui significado e uma função a eles, elaborando um conjunto de representações que definem um modelo organizador para explicar a situação.

Segundo Moreno e Sastre (2010) a abstração sempre vem seguida de interpretação. Geralmente julgamos que o processo de abstração de um dado é simples, por realizar essa atividade cotidianamente sem nos determos no caminho percorrido para chegarmos à eleição de um dado. Em um primeiro momento, percebemos o objeto, ou uma situação, de maneira sincrética, isto é, indissociada do todo que o compõe. Fazemos então um processo de análise decompondo, separando as suas propriedades. O contexto de experiência do sujeito é fundamental na realização do processo de retenção de dados de uma situação observada. Não são todos os dados possíveis a respeito da situação que são eleitos, mas somente aqueles que têm sentido ou aos quais são atribuídos significados em função da própria experiência do sujeito em outros momentos. Isto também não quer dizer que o sujeito desconheça os outros dados da situação, somente que não são considerados como representativos dela. Os dados que não existem na realidade (produto de inferências e de invenções) têm a mesma qualidade dos considerados reais, pois são parte da realidade do sujeito. Contudo, as possibilidades de interpretação não são infinitas, pois têm que estar em sintonia com a realidade objetiva.

As implicações dos significados atribuídos aos dados são consequências concretas desse processo. Como modelos de uma realidade representada, os modelos organizadores servem de

explicação para ações. A realidade subjetiva do sujeito é expressa pelos modelos organizadores e são a base para suas explicações e ações diante dos fenômenos e dos problemas que enfrenta no cotidiano. Tais situações podem se repetir ao longo da vida, mas o sujeito pode fazer variar os dados abstraídos e, conseqüentemente, os significados e as implicações atribuídos a eles. Por isso os modelos sofrem processos de mudança, e podem se tornam mais complexos que os anteriores.

DADOS METODOLÓGICOS

Participaram desta pesquisa 174 jovens entre 17 e 29 anos, sendo 81 homens e 93 mulheres. Desses, 37 homens e 46 mulheres heterossexuais; 44 homens gays/bissexuais e 47 mulheres lésbicas/bissexuais.

A proposta da pesquisa foi divulgada em diferentes universidades e questionários foram aplicados localmente ou virtualmente, por intermédio das redes sociais ou por e-mail. Tratavam-se de questões fechadas para levantamento de dados objetivos como idade, sexo, religião, orientação sexual, curso de graduação, série, instituição em que se estuda e estado civil.

A análise se pautou no conceito de modelo organizador, a partir do qual se deu a organização dos elementos, seus significados e implicações. Neste artigo, nos detivemos nos elementos que foram extraídos dos textos escritos pelas pessoas participantes por meio de questões abertas que foram respondidas livremente. Um núcleo de significados foi construído a partir da leitura dos pesquisadores. Nesta leitura procedemos às aproximações de sentido dos elementos destacados por cada participante.

As questões respondidas foram as seguintes: “Quando uma pessoa está apaixonada, o que pensa e sente em relação à outra pessoa? Por que?”; “O que é esperado da pessoa que se ama? Por que?”; “O que você acredita que faria pela pessoa amada? Por que?” As respostas nos ofereceram os elementos julgados pelos entrevistados como sendo aqueles mais importantes para a definição do amor.

Tais elementos foram: 1) Involuntariedade e sentimento de segurança: o amor é compreendido como um sentimento involuntário 2) Durabilidade: o relacionamento deve durar para que seja considerado uma experiência de amor verdadeiro 3) Reciprocidade de ações e sentimentos: Amar e ser amado foi considerado pela maioria das pessoas participantes uma condição para viver o amor. O amor relaciona-se a uma ética retributiva na relação 4) Equilíbrio no cuidado e na doação de si: no caso desta pesquisa estes elementos sugerem uma busca por um equilíbrio entre o que se sente pela pessoa amada e entre seus próprios valores 5) Cuidado e doação integral com/para o outro: referência típica ao amor romântico no qual a doação e dedicação incondicional ao outro é uma condição

explícita 6) Fazer o outro feliz: elemento que aparece como significativo 7) Respeito: define o amor como um sentimento que se assenta no respeito 8) Complexo de valores e sentimentos implicados na relação: vislumbramos um conjunto de valores e sentimentos foram considerados base para ser e manter o amor, tais como como fidelidade, lealdade e amizade 9) Não erotizado/ sexualizado: remete a um sentido do amor que é mais próximo à ideia de amor inatingível e “platônico”, idealizado, não materializado ou transcendente. Estes elementos elencados não apareceram todos juntos nas respostas, mas em composições diferentes para cada participante.

AMOR ROMANTIZADO E AMOR EMERGENTE

Os elementos encontrados nas respostas possibilitaram pensarmos em dois modelos organizadores do pensamento sobre o amor em uma relação erótico afetiva. A saber o modelo de amor romantizado e outro que denominamos de modelo de amor emergente. Considerando o conceito de modelo organizador, os dois modelos citados foram estipulados por meio da aproximação ou distância do conceito de amor hegemônico apresentado pela literatura supracitada (MORENO; SASTRE., 2010, GIDDENS, 1993, ESTEBAN, 2011) e foram definidos a partir de comparações das implicações entre os diferentes elementos e seus significados.

No primeiro modelo há o predomínio do amor romântico ou como denominaremos, de amor romantizado. Neste modelo se dá ênfase a uma certa anulação do sujeito que ama para amar o outro/a e o significado dado ao amar outra pessoa e ser amado/a traz muitas referências ao amor romântico: cuidado e doação, involuntariedade e durabilidade extensa do sentimento. Estes elementos podem estar presentes organizados entre si de diferentes maneiras, dada a complexidade que tem os modelos organizadores, apresentamos alguns dos exemplos sobre o amor romântico relatado pelos/as participantes:

(O que faria pela pessoa que ama?) [...] Uma pessoa que ama deve estar disposta a amar o outro com suas qualidades e defeitos, demonstrar compreensão e confiança para compartilhar todos seus pesares com o parceiro. É necessária uma vontade e disposição de não desistir de superar as dificuldades, sejam quais forem, junto da pessoa amada [...] Corrigiria quando acreditasse necessário e estaria disposto à ajuda-la. Dividiria tudo que eu tivesse conquistado na vida com ela [...] acredito que nosso amor deve ser eterno [...] (Homem heterossexual, 17 anos)

(O que é amar para você?) [...] Não pensa em simplesmente em nada. Você entra em um segundo mundo, onde a sua felicidade de certa forma depende da presença de outra. Onde que pelo simples gesto do “Observar” alegra seu dia, deixa você mais feliz, eufórico e por fim mais completo. Mas ao mesmo tempo, as vezes, essa paixão te dá um pouco de medo, no sentido se realmente tudo o que você sente é o mesmo que o do seu parceiro [...] (O que faria pela pessoa que ama?) Tudo o possível e todo o impossível...

Dependeria muito do grau desse amor. Não posso dizer, nunca faria tal coisa, pois erramos em dizer a palavra “nunca”, logo assim podemos pensar que não podemos pensar em nossas

atitudes de um futuro próximo ou distante. Até lá muita coisa pode mudar, então eu afirmo que eu faria todo o possível e também todo o impossível pelo meu amado. (Homem gay/bissexual, 19 anos)

Neste modelo temos a presença de um contorno mais convencional. Trata-se de um conjunto de elementos que descreve as regras convencionais do vivenciar o amor romântico numa relação conjugal. Sugere algo também condicional sobre o amar e ser amado, são eles: a felicidade do outro como prioridade e o compartilhar; a reciprocidade com que se espera os sentimentos e ações; a fidelidade como contrato necessário para o amor de fato. Este modelo se refere a como contemporaneamente o amor romântico é reeditado e colocado como regulador e definidor das relações conjugais:

(O que é amar para você?) [...] A pessoa se sente bem em relação a outra, pensa em grande parte das vezes nos aspectos, características, comportamentos positivos do/a parceiro/a. Sente vontade de estar perto por muito tempo, vontade de trocar afetos, carinhos, de beijar, de conversar sobre a rotina, sobre as emoções que a pessoa vem causando a ela. Sente tesão, prazer em estar perto, reações físicas como aceleração cardíaca, tensão muscular. Pensa no porque, em que a pessoa a tem feito feliz. Entra em um estado de excitação, de alegria constante (Mulher lésbica/bissexual, 22 anos).

Já o modelo de amor emergente o amor é tratado como sentimento que foge dos padrões do amor romântico, que oscila entre sentimentos de cuidado mais voltados a si mesmo ou à relação quando se trata de definir o que é amar alguém ou ser amado/a e não ao outro/a. Nele há referências sobre querer o bem do outro, mas desde que o de si mesmo, há uma certa percepção da individualidade de cada um da relação. Tende a ser mais democrático na forma de viver a dois. Possivelmente, se refere a vivência deste modo de sentir e agir nas relações conjugais baseadas em contrastes e contradições advindas das transformações contemporâneas sobre as relações de gênero, provocando rupturas com a romantização do amor. Neste modelo, identificamos elementos que destacam certa individualidade na relação amorosa e conjugal, bem como uma certa busca de equilíbrio entre demandas de ambos as/os parceiras/os e mais realista com estas demandas e desejos individuais. No entanto, estão dispostos a compartilhar a vida e os sentimentos, desde que não se anulem no processo. Os trechos abaixo transcritos são representativos deste modelo:

(O que se espera da pessoa que se ama?) [...] um sentimento recíproco e bem sincero, o esforço também se torna fundamental por saber que são naturezas diferentes, por mais que sejam duas pessoas que frequentam os mesmo ambientes, tenha as mesmas manias e critérios, objetivo de vida ainda sim precisa ter um equilíbrio de ambas às partes pra um relacionamento saudável. [...] (Mulher lésbica/bissexual, 20 anos)

(O que espera da pessoa amada?) [...] Uma relação de reciprocidade, principalmente quando ao respeito e à consideração [...] Antigamente eu era o tipo de pessoa que faria qualquer coisa pela felicidade do outro. Hoje acredito que as pessoas não devem se anular e nem se completar. As pessoas devem se somar. Sendo assim, faria o que eu achasse necessário e que

não me fizesse sentir prejudicada de alguma forma. Mas, apesar desse pensamento, procuro fazer o máximo que posso pela pessoa que amo [...] (Mulher heterossexual, 22 anos)

Do total de 174 participantes constatamos que 87,36% está dentro do modelo 1, ou do Amor Romantizado, no qual a expressão de elementos acerca do amor romântico são mais frequentes. Isto é, ainda há uma dedicação considerável de si para a relação e ao cuidado do outro. Somente 12,64% dos participantes mostra um novo tipo de amor emergente (modelo 2), com menos entrega de si tanto para a relação quanto para o outro, havendo nesse uma certa preocupação em manter a preservação da própria individualidade dentro do relacionamento amoroso.

Estes dados nos permitem dizer que ainda há grande influência do modelo 1 no modo como a experiência amorosa é pensada e vivenciada pela juventude. Estas características do amor romântico forjam relações de poder entre homens e mulheres produzindo desigualdades e formas de pensar e viver a relação a dois que envolvem a submissão ao outro, as desigualdades na divisão do trabalho doméstico e na vida familiar. Principalmente relacionados a uma organização da vida familiar e social baseada em modelos sexistas e heteronormativos.

Em relação aos sexos masculino e feminino, não há grandes diferenças entre o uso dos modelos por homens e mulheres sobre o amor. Constatamos na nossa pesquisa que aproximadamente 87% tanto dos homens quanto das mulheres se situam no modelo 1, do Amor Romantizado. Isso significa que tanto mulheres quanto homens estão imersos no mesmo modo de pensar e viver o amor em uma relação. No entanto, sabemos que estes modos não correspondem necessariamente a uma mesma posição na relação. Ainda assim, para ambos, homens e mulheres, viver o amor, predominantemente se relaciona à entrega, ao cuidado e proteção de quem se ama e, ainda, à espera de ter o mesmo para si de modo que seja duradouro e exclusivo.

O que os dados nos mostram é que tanto eles quanto elas estão atravessadas(os) por estas formas de pensar, sentir e, provavelmente, agir de maneira a idealizar a relação amorosa, a pessoa amada e o amor.

Este é um dado interessante que coloca o amor como algo exclusivo, ou tributário, da condição de ser mulher e os homens se “inferiorizam” caso se rendam a isso. No caso dos dados da pesquisa que apresentamos, muitos homens se permitem experimentar o amor romantizado. Entretanto, isto também quer dizer que a posição dos homens passa também pelo modelo heteronormativo e sexista que produz relações hierárquicas e de submissão na experiência das relações amorosas com seu companheiro ou companheira.

A parcela dos/das participantes que buscaram formas alternativas de amar que fogem do amor romantizado destacou a necessidade de que mesmo nesta relação a democracia, baseada em respeito com o outro e o bem estar comum, pode se aliar às práticas amorosas, produzindo possibilidades

alternativas nas formas de amar e ser amado. Algumas destas se vinculando a perspectiva filosóficas já clássicas, como a *philia*. Neste caso, a felicidade do outro, os vínculos de respeito e solidariedade são fundamentais. Estes dados da pesquisa se vinculam a como outros autores e autoras (como por exemplo BECK; BECK-GERNSHEIM, 2017, MORENO; SASTRE, 2010, ESTEBAN, 2011, LEAL, 2012) demonstram que a capacidade de amar pode ser revista, embora tenham que imprimir resistência nos campos já legitimados. De modo que pode se demonstrar outras formas de amar como sentimento e prática social das relações afetivo sexuais que pode ser uma fonte de ação e de (re)conhecimento (de si e do outro), de transformação social e de vivência de mecanismos de reciprocidade (no caso sobre as negociações do cotidiano, das práticas relacionais) que visam a manutenção da solidariedade e do respeito mútuo.

Conforme os dados da pesquisa, percebemos que o modelo 1 predomina dentre todas as respostas das pessoas participantes. Aproximadamente 93% das mulheres heterossexuais foram situadas neste modelo; 80% das mulheres lésbicas e bissexuais; 91% dos homens heteros e 84% dos homens gays e bissexuais. Podemos destacar aqui que o amor romântico tem presença marcada nas diferentes expressões das sexualidades e afetos. Podemos pensar, a partir disso no quanto expressões das sexualidades que diferem da hegemônica conseguem ou não escapar às crenças e valores sobre o amor romântico fundado no patriarcado, numa ideia de família e da presença do amor legítimo apenas a partir da relação homem e mulher.

O ideal do amor romântico não produz efeitos apenas nos corpos marcados como femininos ou nas configurações de relacionamentos cisheterossexuais. A chamada cultura amorosa (ESTEBAN, 2008), que encontra seu símbolo máximo na ideia de amor romântico, não concebe indivíduos à margem de seus efeitos. Ao invés disso, como define a autora, é uma cultura que promove relações desiguais tendo em vista que a capacidade de tomada de decisões não são as mesmas para as pessoas envolvidas em uma relação. Marcadores como os de classe, raça, faixa etária, orientação sexual, etc. produzem diferenças no modo como cada sujeito se insere na teia social e é, portanto, lido e (des)legitimado.

Temos que nos atentar para estas categorias de análise para compreender de que modo elas se atravessam e compõem as formas de amar no contemporâneo, com quais referências elas se fundam no seu modo de viver a sexualidade e o amor hoje. O predomínio dos elementos passionais que se organizam em torno da fusão conjugal traz como consequências o outro como depósito e refúgio de todo o sentimento, doando-se e mergulhando em sentimentos que levam a atos violentos e passionais.

Já no modelo 2, como explicitado, encontramos significados que se referem ao amor distanciando-se do romântico. Podemos destacar que dentre os que se situaram neste modelo, a maioria (16 do total de 22), era de mulheres e homens gays/lésbicas/bissexuais. Isso pode indicar que

este grupo, em específico, busca fugir dos modelos estereotipados pelo patriarcado e heterossexual, ao contrário do outro que ainda, em sua maioria, se mantém preso à crenças e valores. Sabemos que não há grandes diferenças quando se considera a identidade sexual declarada pelos participantes. Apesar disso, devemos destacar que a experiência com o amor difere entre homens e mulheres, como bem apontado por Esteban (2011) e Moreno e Sastre (2010) quando trata das relações de poder que envolvem esta prática.

AMOR E A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA: ENTRELAÇAMENTOS DE GÊNEROS E SEXUALIDADES

No imaginário social, o amor romântico é aquele que deve bastar por si só, trazer felicidade plena e, em última instância, fazer de duas pessoas uma. O símbolo máximo desse amor é o casamento que deve, preferencialmente, durar uma vida inteira, independentemente da situação adversa. É o tipo de amor que supera tudo, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, que por si só basta, é fundante da felicidade plena.

Do ponto de vista etário, os jovens parecem ainda estar vinculados aos modelos patriarcais e heteronormativos que constituem os pilares do amor romantizado. Matos, Feres-Carneiro e Jablonski (2005), encontraram os mesmos dados em adolescentes do Rio de Janeiro (Brasil).

O fato de jovens valorizarem o amor romantizado é indicativo do impacto que este modelo de organização da vida afetivo-sexual das pessoas ainda apresenta no modo como vivem as suas vidas. É importante demarcar que a vida do jovem também é intensa e relevante, na medida em que nos dá indícios dos modos de subjetivação que estão (re)produzindo as relações de intimidade conjugal e práticas afetivo-sexuais baseadas na busca de um ideal de parceiro/parceira. Assim, como categoria etária em que existe a marca do entretempos, a juventude contemporânea é atravessada pelas marcas do passado e ao mesmo tempo projeta outras possibilidades de (re)inventar as relações amorosas.

Sobre isso, o modelo de amor emergente expressa de algum modo esta intencionalidade de uma geração. O amor é descrito como sentimento que envolve cuidado, carinho e atenção com o outro, mas sem esquecer de si. Não há referências à sensação de completude e de dedicação total a vida a dois ou à do outro. Pelo contrário, há argumentos conscientes de que na relação existem duas pessoas que podem ser muito diferentes, embora unidas pelo sentimento de estar juntos, cuidarem um do outro, terem companhia afetiva e sexual, suas individualidades, demandas e necessidades, independente do outro. A vida a dois pode ser vivida em alguns momentos, mas nem sempre, e limites devem ser estabelecidos para preservar as individualidades.

Se tratarmos o assunto desde uma perspectiva feminista e de gênero sobre o amor, consideraremos as relações de poder envolvidas na construção das diferenças entre os sexos/gêneros e seus modos de experimentar o amor desde ser mulher e ser homem em uma sociedade heteronormativa e patriarcal. Em nosso estudo não há indicação de que seja significativo este modelo entre as mulheres mais do que os homens. Amar romanticamente é, no imaginário social, fragilizar-se e se situar em uma posição de submissão.

Os jovens de sexualidades dissidentes da norma apresentam, neste modelo 2, maior número de respostas, conforme citado acima. Estamos mais propensos a pensar a experiência amorosa como um híbrido de sentimento e prática social, calcada na reflexividade sobre a própria relação e pensando ela a partir de necessidades individuais e com proposições mais democráticas de relação. Jovens lésbicas, gays e bissexuais disparam possibilidades de outras vivências e rompem como o modelo hegemônico. Não deixam por completo esta hegemonia, mas problematizam os modos de subjetivação ao inserir fissuras e outras linhas de possibilidades de vida amorosa.

Entretanto, a maioria dos jovens que se identificam com expressões sexuais dissidentes também se situam no modelo do amor romântico. Este efeito sobre a população de sexualidades não hegemônicas nos faz questionar sobre os modelos que são referências para esta juventude. Outras referências que possam circular como possíveis surgem a partir dos movimentos feministas e da luta das mulheres pela autonomia sobre o próprio corpo e a vida afetiva e sexual. Mas, como se percebe neste estudo, parece que os efeitos dessas conquistas reverberam de maneira tímida entre jovens. Se por um lado a problematização dos gêneros no cotidiano e a luta para novos modos de ser e viver está presente, a presença ainda marcante dos modelos cisheteronormativos e patriarcais como referência da população de meia idade e adulta com sexualidades não hegemônicas nos leva a pensar que no campo das relações amorosas (MEZZARI; SOUZA, 2017, HEILBORN, 2012, MORELLI, 2017, NUNAN, 2007), os jovens têm tomado como referências modelos tradicionais sobre as formas de relacionamento amoroso.

Por estas razões, cabe ainda salientar que os dados apresentados nos permitem reafirmar o estreito relacionamento entre as questões de gênero e das sexualidades com as investigações sobre o amor e conjugalidades. Como indicado por Esteban (2011) tomar o amor como categoria analítica acerca das (re)produções de formas de se relacionar entre os gêneros e as sexualidades e no interior de cada uma delas, permite-nos conhecer melhor os mecanismos de desigualdades nos campos afetivos, sexuais e sociais.

Ainda, desde uma perspectiva interseccional, o marcador etário também é um aspecto importante. Os/as jovens participantes expressaram nos relatos de suas experiências amorosas elementos que se assemelham aos estudos com adultos de meia idade, como já indicados por nós

anteriormente. No entanto, as experiências da maioria dos/das jovens gays, lésbicas e bissexuais trazem reflexividade sobre as relações e algumas fissuras que podem significar maneiras não hegemônicas de se vivenciar as relações amorosas. Apesar de existirem estudos com adultos, mais estudos que tratem das experiências dos jovens de cada um destes grupos podem nos ajudar a compreender melhor a dinâmica dos pensamentos, sentimentos e ações nas experiências amorosas na configuração da juventude contemporânea.

Os estudos de gênero e feministas podem contribuir muito para melhor conhecer este tema. Notadamente quando problematizam as dicotomias acerca de razão e afeto, localizando estes aspectos como atribuições vinculadas mais a um ou outro gênero. Esta é uma frente ainda a ser borrada quando se trata do amor. Durante algum tempo sendo compreendido, nos estudos teóricos e os dados de investigação empírica, quase que exclusivamente como um sentimento naturalizado que faz mediação das relações conjugais entre homens e mulheres, a abertura à perspectiva teórica e metodológica de investigação apresentada ao longo deste trabalho pode nos ajudar a romper algumas barreiras para compreendê-lo como um complexo de emoções, sentimentos e práticas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O amigo/Que é um dispositivo?** Chapecó, SC: Editora Argos, 2014.

ALMEIDA, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda. **Culturas jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2006.

ANDREO, Caio et al. Homofobia na construção das masculinidades hegemônicas: queerizando as hierarquias entre gêneros. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** (Rio de Janeiro), 16(1), 46-67, 2016.

ARANTES, Valéria; SASTRE, Genoveva; GONZÁLEZ, Alba. Violência contra a mulher e representações mentais: um estudo sobre pensamentos morais e sentimentos de adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** (Brasília), 26(1), 109-120, 2010.

ASSIS, Cleber. “Entre tapas e beijos” representações sociais sobre a violência de gênero para adolescentes. **Psicologia e Saber Social** (Rio de Janeiro), 2(2), 229-242, 2014.

BECK, Urie; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **O caos totalmente normal do amor.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 2017.

BIROLI, Fernanda; MIGUEL, Luis. **Feminismo e política: uma introdução**. Rio de Janeiro, RJ: Boitempo, 2014.

BRAIDOTTI, Rose. **Nomadic theory: the portable** Rosi Braidotti. New York/Chicester/West Sussex: Columbia University Press, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1997.

ESTEBAN, Mari Luz. **Crítica del pensamiento amoroso**. Barcelona, ES: Bellaterra, 2011.

ESTEBAN, M. L. El amor romántico y la subordinación social de las mujeres: revisiones y propuestas. **Anuario de Psicología**, vol. 39, nº 1, 2008, pp. 59-73.

GALINDO, Dolores et al. LGBTs and gender banned? Genealogical notes about law projects in Brazil. **Psicologia em Estudo** (Maringá). 22(2), 253-264, 2017.

GARCIA, Nagore; MONTENEGRO, Marisela. Re/pensar las producciones narrativas como propuesta metodológica feminista: experiencias de investigación en torno al amor romântico. **Athenea Digital** (Barcelona), 14(4), 63-88, 2014.

GIDDENS, Anthony. **As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 1993.

HEILBORN, Maria. Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. **Psicologia Clínica** (Rio de Janeiro), 24(1), 57-68, 2012.

HOOKS, Bel. Claridad: Dar palabras al amor. **Arte y políticas de identidad**. 6(1), 265-270, 2012.

LEAL, Aurora. **Dibujos y textos sobre el amor: representaciones**. Barcelona, ES: Aditorial Académica. 2012.

MATOS, Marcos; FERES-CARNEIRO; Terezinha., JABLONSKI, Bernardo. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia** (Curitiba), 9(1),21-33, 2005.

MEZZARI, Danielly; SOUZA, Leonardo Lemos de. Do amor entre mulheres: narrativas de amores e lesbianidades. **Periodicus** (Salvador). 7(1), 192-214, 2017.

MORELLI, Fabio. **Não existe amor em App?** Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay., Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, Brasil), 2017.

MORENO, Montserrat; SASTRE, Genoveva. **Cómo construimos universos.** Amor, cooperación y conflicto. Barcelona, ES: Gedisa, 2010.

MORENO, Montserrat; SASTRE, Genoveva. La construcción de sistemas de organización. In: García, J., Kohen, R., Del Barrio, C., Enesco, I., Linaza, J. L. (Orgs.) **Construyendo mentes:** ensayos en homenaje a Juan Delval. (pp.123-141) Madrid, ES: Universidad Nacional de Educación a Distancia –Uned - Colección Ciencias Sociales y Jurídicas, 2012.

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e psicologia feminista.** Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

NUNAN, Adriano. Influência do preconceito internalizado na conjugalidade homossexual masculina In: Grossi, M., Uziel, A., Mello, L. (Orgs.) **Conjugalidades, parentalidades e identidades gays, lésbicas e travestis** (pp. 47-68) Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2007.

OLTRAMARI, Leandro. GROSSI, Miriam. P. O amor híbrido: concepções de amor no mundo contemporâneo. In: GROSSI, Miriam. P., LAGO, Mara. C., NUERNBERG, Adriano. (Orgs.) **Estudos In(ter)disciplinados: gênero, feminismos, sexualidade** (pp.371-390) Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 2009.

SOUZA, Candida; PAIVA, Ilana Lemos de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia** (Natal), 17(3), 353-360, 2012.

Histórico

Recebido em: 8-5-2018

Revisado em: 7-6-2018

Aceito em: 25-11-2018